

RESENHA

SANTOS, Boaventura de Souza. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020. p. 32.

Marcio Santos da Conceição¹

Boaventura de Sousa Santos é Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Distinguished Legal Scholar da Faculdade de Direito da Universidade de Wisconsin-Madison e Global Legal Scholar da Universidade de Warwick. É igualmente Director Emérito do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça. De 2011 a 2016, dirigiu o projecto de investigação ALICE – Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências o mundo, um projeto financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC), um dos mais prestigiados e competitivos financiamentos internacionais para a investigação científica de excelência em espaço europeu. Tem trabalhos publicados sobre globalização, sociologia do direito, epistemologia, democracia e direitos humanos. Os seus trabalhos encontram-se traduzidos em espanhol, inglês, italiano, francês, alemão, chinês e romeno.

A Cruel Pedagogia do Vírus é o título de um livro lançado em abril de 2020 onde Boaventura Sousa Santos apresenta reflexões acerca da Pandemia do novo Coronavírus e suas implicações nos vários setores da sociedade. A ideia de pedagogia para o autor vem do fato de que, enquanto a metáfora dominante na mídia, nos discursos de alguns governos, é de que o vírus seja um inimigo, que estamos numa guerra contra esse inimigo, para o autor, essa poderia ser uma metáfora de uma pedagogia, mesmo sendo uma pedagogia cruel e que tem algo, portanto, para nos ensinar. O livro está dividido em cinco pequenos capítulos, são eles: (1) Vírus: tudo que é solido se desfaz; (2) A trágica transparência do vírus; (3) A Sul da quarentena; (4) A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições e, por último, (5) O futuro pode começar hoje.

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural da UNEB, sob a orientação da professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz– Campus II, Mestre em Crítica Cultural pela UNEB, Campus II - Alagoinhas, membro do grupo de Pesquisa GEREL (Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens) e professor da Faculdade Santíssimo Sacramento - Alagoinhas. Email: msconceicao18@gmail.com.

No primeiro capítulo, Santos começa sua reflexão dizendo que são os momentos de crise que podem revelar a verdade e a qualidade das instituições. Segundo o autor, com o crescimento do Neoliberalismo instalou-se uma crise permanente a qual busca legitimar as desigualdades sociais através da concentração de riquezas e das catástrofes ecológicas. Porém, isso já vem se alastrando desde pelo menos, os últimos 40 anos e se agravando com o surgimento da Pandemia.

Com o surgimento do vírus criou-se uma consciência de uma comunhão planetária, o que parece contraditório, visto que a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros, seja através do isolamento. Do ponto de vista da economia o autor nos diz que se por uma lado, houve uma redução nas atividades econômicas, por outro pode-se perceber consequências positivas como a redução da poluição ambiental. Daí um questionamento muito perspicaz: será que a preservação do meio ambiente sempre exigirá a destruição maciça da vida humana?

Após criticar o neoliberalismo, o autor demonstra que existe uma guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, a qual vem sendo bombardeada nas mídias por ser colocada como a responsável tanto pela criação quanto pela disseminação do vírus, o que nos permite compreender o interesse dos EUA em neutralizá-la por causa da atual liderança do país na fabricação de telemóveis, telecomunicações, inteligência artificial, automóveis elétricos, etc.

Ao final do primeiro capítulo pode-se perceber que apesar da Pandemia ter causado uma grande comoção mundial, existe há muito tempo um grupo de pessoas marginalizadas correndo perigo, que se encontram em situações precárias sem condições mínimas de saneamento básico e higiene. Essas pessoas não se encontram somente nos países pobres, mas fazem parte de uma América Invisível, assim como de uma Europa desconhecida.

O segundo capítulo do livro, *A trágica transparência do vírus*, começa fazendo uma crítica aos debates culturais, políticos e ideológicos por entender que os mesmos estão muito distantes da realidade popular. Para Santos, nem mesmo a política tem conseguido intermediar entre as ideologias e as necessidades da população. Só tem conseguido relacionar-se com as necessidades e aspirações dos mercados.

Aqui destaca-se que existem três modos de dominação que estão presentes desde o século XVII que são o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Esses três só ganham força se articulados entre si. Apesar de serem onipresentes, parecem invisíveis na vida das pessoas e das sociedades, porém são inculcados na vida dos seres humanos através da educação e da doutrinação permanentes. O segundo capítulo encerra convidando os intelectuais a tornarem-se intelectuais de retaguarda, atentos às necessidades e aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para então teorizar.

O terceiro capítulo *A Sul da Quarentena*, traz o termo “Sul” como uma metáfora dos povos que vivem à margem das sociedades. Não se trata de um espaço geográfico, mas um espaço-tempo político, social e cultural. Boaventura Sousa Santos reflete acerca dos grupos sociais que se encontram em situação de vulnerabilidade: as mulheres, os trabalhadores informais, os vendedores ambulantes, os moradores de rua, os moradores das periferias, os refugiados, os imigrantes, os deficientes e os idosos.

A situação da Pandemia só vem reforçar a injustiça, a discriminação e a exclusão social e o sofrimento em que vivem essas pessoas. Tomando como exemplo a situação das mulheres que são consideradas “as cuidadoras do mundo”, nas palavras de Santos, as mesmas estão em profissões que fazem parte da linha de frente ao combate à pandemia como as enfermeiras por exemplo. O confinamento só aumentou o trabalho das mesmas com a presença dos membros da família reunidos. Paralelo a essa triste realidade, pode-se observar o aumento do número de divórcios assim como os índices de violência doméstica.

O quarto capítulo do livro intitulado *A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições*, nos conduz ao coração das ideias de Boaventura Sousa Santos quando o mesmo enumera seis lições que podemos tirar da Pandemia desse novo Coronavírus. A primeira lição afirma que o tempo político e mediático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre. Nesse tópico o autor diz que existe dois tipos de crises: as graves e agudas, com letalidade significativa e que mobilizam a mídia e os poderes políticos a buscarem uma solução imediata, como é o caso dessa pandemia, enquanto que existem as crises graves de progressão lenta e que muitas vezes passam despercebidas como é o caso da crise ecológica.

A segunda lição apresentada afirma que as pandemias não matam tão indiscriminadamente assim, Pelo contrário discriminam tanto no diz respeito à sua prevenção quanto à sua expansão e mitigação. Grande parte da população mundial não tem como seguir as orientações da OMS uma vez que vivem em situações precárias, em espaços residenciais minúsculos sem acesso nem mesmo à água e saneamento básico.

A terceira lição é muito cara ao autor. A ideia de que enquanto modelo social, o capitalismo não tem mais futuro. O neoliberalismo que é a parte mais anti-social do capitalismo está desacreditado tanto social quanto politicamente. Pode perceber com a Pandemia a necessidade do papel do estado e pode-se constatar que os países que privatizaram seus sistemas de saúde tiveram maior dificuldade no enfrentamento da pandemia, independente do regime político. A quarta lição vem ao encontro desse mesmo pensamento pois diz que a *Extrema-direita e a Direita hiper-neoliberal ficaram definitivamente desacreditadas*. Países onde a política está associada a versões politizadas e conservadoras da religião, onde houve ocultamento de informações, desprestígio da comunidade científica sob o pretexto de salvar a economia. Por outro lado, observa-se gastos exorbitantes em orçamentos militares e forças de segurança.

A quinta lição *O Colonialismo e o Patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda* traz uma triste constatação: as epidemias como o novo coronavírus só se tornam problemas globais quando atingem os países mais ricos no Norte global. Nessa realidade as políticas de prevenção nunca são universais, são seletivas e se propõem a garantir somente a sobrevivência dos corpos socialmente mais valorizados, os mais aptos e necessários para a Economia.

Por fim a sexta lição nos fala do *Retorno do Estado e da Comunidade*. O neoliberalismo prega que os mercados são os instrumentos de regulação social mais eficazes que o Estado, visto que como o Estado é corrupto, deve ter o mínimo de intervenção possível. Isso conduziu a um desmantelamento dos serviços públicos e a privatização dos bens sociais e coletivos. Apesar das pessoas buscarem o Estado nesse tempo de pandemia pode observar como o mesmo foi minado aos poucos na sua capacidade de geração de políticas

públicas o que dificultou a previsibilidade em relação às emergências que estão se apresentando.

O último capítulo do livro chamado de *O Futuro pode começar hoje*, pode ser visto como suas considerações finais. Nele, Santos nos diz que o ser humano é capaz de se adaptar a novas situações quando essas se impõem e que é necessário pensar em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nesses primeiros anos do século XXI. O regresso a uma tal “normalidade” não será fácil para todos. O autor afirma que somente com uma articulação entre os processos políticos e civilizatórios será possível começar a pensar numa sociedade em que a humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta em que habita. E essa nova articulação para o mesmo, supõe uma virada epistemológica, cultural e ideológica que sustente soluções políticas, econômicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta.

Estamos possivelmente no limiar de uma outra civilização e ao final de uma geração muito orientada pelo consumo e pela destruição da natureza. Essa obra do professor Boaventura Sousa Santos chega num momento muito delicado onde precisamos compreender melhor o momento em curso tentando extrair do mesmo as lições trazidas por essa Pandemia. Essa leitura será de grande relevância para aqueles que querem de forma crítica fazer uma análise da atual conjuntura na qual estamos vivendo.